

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

“PREPARE-SE, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...”
CENAS DE BEBÊS DE 6 A 16 MESES DE IDADE INTERAGINDO
ENTRE SI

Kely Giovana Barcella

Lajeado, novembro de 2014

Kely Giovana Barcella

“PREPARE-SE, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...”
CENAS DE BEBÊS DE 6 A 16 MESES DE IDADE INTERAGINDO
ENTRE SI

Monografia apresentada na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Univates, como parte exigência para a obtenção do título de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Jacqueline Silva da Silva

Lajeado, novembro de 2014

Kely Giovana Barcella

“PREPARE-SE, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...”
CENAS DE BEBÊS DE 6 A 16 MESES DE IDADE INTERAGINDO
ENTRE SI

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na linha de formação específica do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia:

Prof^a. Dra. Jacqueline Silva da Silva - Orientadora
Centro Universitário UNIVATES

Prof^a. Dra. Cláudia Inês Horn
Centro Universitário UNIVATES

Lajeado, 28 de novembro de 2014

Aos professores que buscam e acreditam
numa educação que pense na criança...

OS MEUS AGRADECIMENTOS

Nesta etapa final de minha escrita, gostaria de agradecer a todos que participaram deste espetáculo, que fizeram minha mente e meu corpo vibrarem e sorrirem, que me ajudaram e me apoiaram, compreendendo as minhas dificuldades, angústias, minha falta de vontade para continuar. De coração, **MUITO OBRIGADA!**

Primeiramente quero agradecer a Deus, pela vida.

Aos meus pais, que me criaram com todo carinho e dedicação, dando-me uma educação digna, o que me torna hoje uma pessoa de caráter. Mãe, agradeço por ter sido a inspiradora para a concretização desse sonho, por ser professora, o que me moveu para a realização deste espetáculo. Obrigada pelas palavras, pelos conselhos de todas as horas, pelo apoio e sustentação.

À minha orientadora e professora Jacqueline Silva da Silva, pela sua dedicação na orientação prestada durante esta caminhada. Mais do que orientadora, é um exemplo de professora. Sinto-me honrada e grata por ter sido sua orientanda. Aprendi muito com você!

À professora Cláudia Inês Horn, obrigada pelas suas reflexões, argumentações instigantes e leituras que presenciei e vivenciei durante a minha trajetória no curso e que me serviram de apoio neste espetáculo.

Agradeço todos os professores que me guiaram nessa minha caminhada no Curso de Pedagogia. Pelos ensinamentos, pelas reflexões nos ricos momentos de aprendizagens de novas possibilidades e transformações para a nossa educação.

Aos colegas que comigo compartilharam anos de estudo nos quais aprendemos muitas coisas juntos, nos momentos de alegrias, de angústias, de tristezas e incertezas nessa caminhada. Foi muito bom ter vocês como colegas!

À EMEI Espaço Criança, por me abrir as portas para desenvolver a pesquisa.

Aos bebês que foram indispensáveis na participação deste espetáculo. Obrigada, por terem sido tão especiais e companheiros. Aprendi muito com vocês!!!

E de forma muito especial e carinhosa, quero agradecer ao meu amado Daniel, pela compreensão, pela dedicação, pela escuta, pelo apoio que me proporcionou. Desculpa por estar ausente muitas vezes. Agradeço de coração por me auxiliar na escrita deste espetáculo e obrigada por estar ao meu lado.

A estas e outras pessoas não citadas aqui, que comigo conviveram neste período, sempre me auxiliando, demonstrando confiança e me estimulando a prosseguir neste sonho, agradeço.

RESUMO

Esta monografia apresenta uma pesquisa que teve como objetivo conhecer e analisar as interações estabelecidas "entre" os bebês da faixa etária de 6 a 16 meses de idade. Ela surge através de inquietações e estudos envolvendo o título "Prepare-se, o espetáculo vai começar..." Cenas de bebês de 6 a 16 meses de idade interagindo entre si. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo que foi realizada em uma escola da rede pública de Educação Infantil, situada no município de Lajeado/RS. Quanto aos atores protagonistas envolvidos nesse espetáculo, serão os bebês de 6 a 16 meses de idade de uma turma de berçário. Durante o processo de pesquisa e investigação, utilizaram-se aportes teóricos voltados ao tema em enfoque, com destaque aos autores utilizados, entre eles, Bassedas, Huguet e Solé (1999), Barbosa e Richter (2010), Rossetti-Ferreira (2002), Maldonado (2003), Oliveira (2007), Aimard (1998), Stambak et al. (2011), Goldschmied (2006) e entre outros. Como resultados pertinentes ao estudo, percebeu-se que as interações entre os bebês de 6 a 16 meses de idade se estabelecem através da comunicação, da afetividade, da imitação, da brincadeira e da relação com objetos. Por meio da pesquisa é possível refletir sobre o fato de que o bebê, para aprender, necessita do outro, de suas interações com seus colegas, não somente da presença do professor. É através das múltiplas linguagens que o bebê aprende a conviver com seus parceiros e a realizar trocas. Para isso, necessita-se de um professor com a escuta atenta em todos os sentidos. Neste caso, os bebês são capazes de criar, de aprender, de interagir com os outros, principalmente com os colegas e, assim, protagonizando o seu grande espetáculo, sendo autores de suas próprias histórias permeadas de marcas e conquistas.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Interação entre Bebês. Bebês.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Luísa.....	21
Fotografia 2 – Laura.....	21
Fotografia 3 – Pedro.....	22
Fotografia 4 - Victória.....	22
Fotografia 5 - Júlia.....	22
Fotografia 6 – Davi.....	23
Fotografia 7 – Sofia.....	23
Fotografia 8 – Kiara.....	23
Fotografia 9 – Rafaela.....	24
Fotografia 10 – Lucas.....	24
Fotografia 11 – Eduarda.....	24
Fotografia 12 – Francisco.....	25
Fotografia 13 - Pietro.....	25

LISTA DOS EPISÓDIOS

Episódio 1 – O olhar como uma forma de comunicação.....	29
Episódio 2 – As expressões do corpo de Júlia que emergem da comunicação.....	31
Episódio 3 – O choro como uma forma de afetividade entre Luísa e Júlia.....	34
Episódio 4 – O toque e as carícias entre Luísa e Júlia.....	36

Episódio 5 – O toque e olhar de Davi na busca da mão de Eduarda.....	39
Episódio 6 – O balbucio e o equilíbrio do corpo de Davi.....	40
Episódio 7 – A imitação através do choro.....	41
Episódio 8 – A brincadeira de esconde-esconde entre Júlia e Pedro.....	44
Episódio 9 – O objeto chupeta na interação entre Kiara e Sofia.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diário de Campo 1.....	32
Quadro 2 – Diário de Campo 2.....	35
Quadro 3 – Diário de Campo 3.....	47

SUMÁRIO

1 SENHORAS E SENHORES, COM VOCÊS, O ESPETÁCULO	11
1.1 E assim, tudo começou.....	11
1.2 Os bastidores.....	16
1.3 Os pequenos grandes atores protagonistas.....	19
1.4 O cenário.....	25
2 ABREM-SE AS CORTINAS... LUZ, CÂMARA, AÇÃO.....	27
2.1 Cena 1 - A interação entre Júlia e Pedro através da comunicação.....	29
2.2 Cena 2 - A afetividade entre Luísa e Júlia.....	34
2.3 Cena 3 - A interação entre Davi e Eduarda através da imitação.....	38
2.4 Cena 4 - A interação entre Júlia e Pedro através da brincadeira de esconde-esconde.....	43
2.5 Cena 5 – O objeto chupeta como meio de interação entre Kiara e Sofia.....	48
3 É O FIM?.....	52
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	61
Apêndice A - Termo de Consentimento Informado para a Professora.....	63
Apêndice B - Termo de Consentimento Informado pelo Diretor (a) da escola...64	
Apêndice C - Termo de Consentimento Informado Responsáveis pelos bebês	65
Apêndice D – “Eternizando Momentos” - DVD das filmagens.....	66

“A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar [...]” (MALAGUZZI apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, sem página).

1 SENHORAS E SENHORES, COM VOCÊS, O ESPETÁCULO!

Antes de iniciar a leitura desse espetáculo, convido você a visualizar como tudo começou, a história, os bastidores, o cenário e os atores protagonistas.

Para você, espectador,
obtenha óculos coloridos e novas lentes
para mergulhar nessa aventura...

Tenha um bom espetáculo!!!

1.1 E assim, tudo começou...

As razões que me levaram ao tema “Bebês” se reportam às vivências que tive ao longo da minha vida.

Desde pequena, adorava brincar com bonecas, juntamente com minhas amigas de infância. Muitas vezes, brincávamos de professora, sendo as bonecas as nossas alunas. Brincávamos sem ver o tempo passar. À medida que fui crescendo, percebia que a vontade de brincar de professora e com bonecas continuava fazendo parte da minha história de vida.

Outra razão é a referência que tenho da minha mãe, professora de crianças pequenas que trabalhava o dia todo. Durante as noites, realizava os afazeres pedagógicos enquanto eu a acompanhava, vivia ao redor dela. Ótimos tempos que não voltam mais, mas que deixam as boas lembranças na memória. Acredito que as

influências desse ambiente familiar e das lembranças da infância proporcionaram a inspiração de realizar esse sonho de ser professora de crianças pequenas.

Diante disso, iniciei o Curso Normal em uma escola da rede de ensino privada situada na cidade de Arroio do Meio/RS, no ano de 1999. Após a formação, ingressei no Curso de Pedagogia.

Ao longo desse curso, que teve a duração de 11 anos, participei de diversas experiências e práticas na área da Educação, estágios com crianças da Educação Infantil, Anos Iniciais, com alunos do Curso Normal e com a Equipe de Gestão Escolar das escolas. Através destas experiências, fui me apaixonando cada vez mais pela docência, principalmente pela Educação Infantil.

Nessa trajetória, tive também a oportunidade de manter um contato mais intenso com os bebês, quando ingressei na Educação Infantil na rede municipal de ensino de Lajeado/RS, como professora. A partir de então, essa experiência com os bebês me levou a buscar novos estudos, leituras, encontros e encantamentos. Posso dizer que nossas relações foram preenchidas a cada dia por afetos, alegrias, músicas, diversão, desafios e descobertas. Como diz Ostetto (2000, p. 10), “construir relações, colocar-se em relação, é abrir-se para o novo, para o crescimento, para o aprendizado coletivo”.

Encantada, comecei a observá-los, a desvendar suas ações, seu brincar, seus desejos, suas angústias e suas necessidades. Para isso, foi necessário obter uma pedagogia da escuta¹ para captar o que eles queriam-me “dizer”, portanto me guiei pelas palavras da professora Jacqueline Silva da Silva, “Quando falo em escuta do professor, refiro-me a um processo que vai além da audição, incluindo o ver, o sentir, o perceber e o refletir, envolvendo todos os sentidos” (SILVA, 2011, p. 25).

Em relação a isso, percebia, através dessa escuta, que os bebês possuíam novas aprendizagens e descobertas não somente com a presença do adulto, mas também juntamente com seus pares através do olhar, do toque, do simples gesto do tirar a chupeta do outro e ao mesmo tempo devolvê-la para o colega.

¹ A pedagogia da escuta é uma metáfora que distingue a pedagogia de Reggio Emilia, a escuta das cem linguagens, do ouvir e de ser ouvido. (Rinaldi, 2012)

Neste caso, pensar em bebês é pensar que são capazes de criar, de aprender, de interagir com os outros, principalmente com os colegas e que protagonizem o seu grande espetáculo², sendo autores de sua própria história, permeada de marcas e conquistas.

Conforme Anjos et al. (2004), diversas pesquisas, estudos e reflexões vêm investigando os bebês na interação com adultos, principalmente com a mãe, as dúvidas e concepções sobre a maternidade, a organização da família.

Essa afirmação nos remete a uma perspectiva adultocêntrica que revela uma educação centrada no adulto em que a criança dependia dele para fazer algo ou alguma coisa, negando à criança falar dos seus interesses, das suas vontades, de seus desejos, de suas necessidades impedindo-a de falar de si mesma e da maneira como ela vê o mundo ao seu redor, travando assim o reconhecimento de suas possibilidades. Essa ideia se define na fala de Bujes (2002) a qual revela que essa perspectiva adultocêntrica representa a criança como um ser imaturo, desprotegido, débil e de proteção.

Para essa questão, Ferreira (2004) revela que o desafio é “virar do avesso” e obter olhares do ponto de vista das crianças, sugerindo que é preciso inverter o ângulo e olhá-las como atores ativos e sociais, capazes de interagirem com o outro.

Nos últimos tempos, ocorreram muitas modificações, houve maior demanda das mulheres entrarem no mundo de trabalho e, a partir daí, começaram as formas de educar coletivamente as crianças nas instituições, nas creches as quais permitiram a “possibilidade na mudança das pesquisas feitas com crianças”. (BARBOSA; FOCHI, 2012, p. 2). A partir disso, os olhares sobre as crianças começaram a mudar.

Desse modo, devemos ampliar o nosso olhar e a nossa escuta sobre essas crianças e entre elas visibilizar procurando entender e compreender o seu lugar nos diferentes espaços coletivos (FILHO; BARBOSA, 2010, texto digital).

Além disso, Kinney e Wharton (2009) destacam que,

² Espetáculo é o “termo usado para indicar qualquer representação teatral” (VASCONCELLOS, 1987, p. 83)

escutar as crianças tem mudado a maneira de pensarmos sobre elas. Tem mudado os nossos entendimentos e perspectivas sobre como e o que as crianças aprendem e sobre a nossa imagem delas. Temos sido capazes de enxergar mais claramente o incrível potencial de todas as crianças, sua riqueza, seus talentos, seus entendimentos e suas visões de mundo, seus sentimentos sobre si mesmas e sobre as outras crianças à sua volta [...] (KINNEY; WHARTON, 2009, p. 25)

Assim sendo, compreender como pensam e vivem as crianças e entender o seu modo de sentir, de ver, de agir faz-nos escutar os seus gostos e suas preferências e assim compreendê-las como seres humanos com potenciais, com sentimentos sobre si e sobre o outro que vive à sua volta.

Partindo dessa ideia, Barbosa (2007) revela que as crianças atuam nas relações sociais e nos processos de aprendizagens de maneira ativa desde pequenas. Com a interação com outras crianças, elas constituem as suas próprias identidades sociais e pessoais.

Horn (2004) comenta que, a descentralização da figura do adulto possibilita mais autonomia por parte das crianças, participando de trocas e de interação entre seus pares, permitindo o protagonismo infantil, no qual a criança é considerada como ator dos seus processos sociais e culturais.

Desse modo, o tema abordado, “Prepare-se, o espetáculo vai começar... Cenas de bebês de 6 meses a 16 meses de idade interagindo entre si”, é um desafio para mim e é um mundo que me fascina. Acredito que as construções, as ações e as interações dos bebês possibilitarão novas descobertas, novos desejos, novas aprendizagens, novas escutas aos professores, proporcionando, assim, um convívio de reciprocidade entre os bebês nas relações que estabelecem entre si.

Assim, com esta pesquisa, me propus a elaborar o seguinte problema: ***Como se estabelecem as interações “entre” os bebês da faixa etária de 6 a 16 meses de idade?***

A pesquisa objetiva conhecer e analisar as interações estabelecidas “entre” os bebês da faixa etária de 6 a 16 meses. E, para buscar as hipóteses que me ajudarão a pensar, tracei alguns objetivos específicos, os quais me guiaram:

- a) Observar os bebês em suas interações;

- b) Descrever as interações entre os bebês;
- c) Documentar essas interações entre os bebês através de fotos, gravações de vídeos e registros por meio de diário de campo.

A constituição da monografia será através de um espetáculo, porque acredito que os bebês são atores protagonistas das suas aprendizagens e sabem representar a sua própria peça teatral sem sair de cena. Acredito que os bebês são capazes, têm potenciais e são autores ativos, do palco de suas histórias. Mesmo não sabendo “falar”, eles sabem demonstrar os seus desejos e necessidades juntamente com o outro.

Cabe lembrar que a apresentação desse trabalho, sob forma de um espetáculo, é de estrutura científica, pois acredito que é necessário inovar e transformar cada dia a educação fazendo coisas novas e diferentes. Diante disso lembrei-me das palavras de Corazza (2005) ao afirmar que ser educador não é só acumular, usar, conservar, guardar, mas também é necessário largar, abandonar e readquirir novas experiências para se revitalizar e se aperfeiçoar a cada dia realizando coisas diferentes, inovadoras, atraentes e inéditas. E, como diz Clarice Lispector: “Se a pessoa fizesse apenas o que entende, jamais avançaria um passo”. Se ficarmos parados, fizermos só o que entendemos, ficaremos sempre na mesma, na mesmice e não avançaríamos de degrau a degrau. Portanto, desafiei-me a fazer algo novo, um novo caminho, um novo olhar, uma nova maneira e forma de pensar essa monografia.

Dessa forma, no capítulo 1, intitulado “**Senhoras e senhores, com vocês, o espetáculo**”, apresento o espetáculo, a história, os bastidores, os atores e o cenário. No subcapítulo 1.1 “**E assim, tudo começou...**”, explico como iniciou-se a pesquisa sobre o tema interações entre bebês. No subcapítulo 1.2, “**Os bastidores**”, explico os caminhos metodológicos percorridos para a realização deste trabalho. No subcapítulo 1.3, apresento “**Os pequenos grandes atores protagonistas**” que conduziram o espetáculo. No subcapítulo 1.4, “**O cenário**”, apresento onde foi realizada a apresentação e a encenação dos atores protagonistas.

No capítulo 2, intitulado **“Abrem-se as cortinas... Luz, câmara, ação”**, apresento as cenas das interações entre os bebês. Explico sobre o que é interação e apresento as cenas e os episódios do espetáculo. No subcapítulo 2.1 você visualizará a **“Cena 1 - A interação entre Júlia e Pedro através da comunicação”**, que apresentará a interação entre os bebês através da comunicação. No subcapítulo 2.2 apresento a **“Cena 2 – A afetividade entre Luísa e Júlia”**, que aborda a interação dos bebês através da afetividade. O subcapítulo 2.3, **“Cena 3 – A interação entre Davi e Eduarda através da imitação”**, apresenta a interação entre os bebês através da imitação. No subcapítulo 2.4, trago a **“Cena 4 – A interação entre Júlia e Pedro através da brincadeira de esconde-esconde”**, que apresenta o brincar como uma das formas de interação entre os bebês. E, no subcapítulo 2.5, apresento a **“Cena 5 – A chupeta como meio de interação entre Kiara e Sofia”**, a interação entre bebês através dos objetos.

No capítulo 3, intitulado **“É o fim?”**, apresento as conclusões do espetáculo e as minhas considerações sobre o tema abordado. Na sequência, conheça os bastidores.

1.2 Os bastidores³

Neste subcapítulo apresento os bastidores desta pesquisa, em que trago os caminhos percorridos para a realização deste trabalho, situados dentro do referencial teórico e de onde partirá a minha execução, como pesquisadora, nas entradas e saídas das cenas.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho seguiu a abordagem qualitativa de pesquisa, que concebe uma análise mais profunda em relação ao problema que foi estudado, que se caracteriza a partir das informações coletadas e de estudos relacionados às interações entre os bebês, sem dados expressos em números e estatísticas. Segundo Minayo (2003):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos,

³ Bastidores significa parte do teatro localizada nas laterais do palco, que destina ao trânsito dos operários que executam as mudanças do cenário (VASCONCELLOS, 1987).

aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003, p. 21-22)

Desse modo, também realizei esse estudo através de uma pesquisa bibliográfica e de campo. Para Gil (2012, p. 50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Fiz diversas leituras e fichamentos dos referenciais teóricos que subsidiem o tema na construção de novos conhecimentos.

Já a pesquisa de campo ocorreu em uma escola da rede pública de Educação Infantil, situada no município de Lajeado/RS. A opção por esta escola foi pelo fato de trabalhar nela e de conhecer a proposta pedagógica.

Os protagonistas envolvidos nessa investigação são os bebês de 6 a 16 meses de idade de uma turma de berçário. A escolha da turma foi intencional pelo fato de que os bebês, nesta faixa etária, “sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender” (BARBOSA; RICHTER, 2010, p. 87) e, portanto, devemos reconhecê-los como um saber e aprendizado.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram realizadas quatro observações de 1 hora por sessão.

As observações foram realizadas a partir do olhar e da escuta sensível da pesquisadora. Um olhar e uma escuta abertos a todos os sentidos e que estejam também sensíveis ao inesperado, àquilo que pode vir a acontecer. Conforme Jablon, Dombro e Dichtelmiller (2009), a observação é:

Como um olhar para aprender. [...] Aprendemos sobre as crianças ao observá-las de forma cuidadosa, ao escutá-las e ao estudar o seu trabalho. Assistir e escutar as crianças com atenção ajuda-nos a entender o que elas estão sentindo, aprendendo e pensando (JABLON; DOMBRO; DICHELMILLER, 2009, p. 13).

Desse modo, utilizei-me de um diário de campo que serviu de “rascunho”, no qual anotei as minhas sensações e percepções importantes que foram sendo pontuadas durante as observações, intitulado como “Eternizando Momentos”. Conforme Barbier (2004, p. 138), nesse diário-rascunho o pesquisador “escreve tudo o que ele tem vontade de anotar no fervilhar da ação.” Assim, esse rascunho envolveu desejos, acontecimentos, reflexões e reações.

Paralelamente a isso, realizei registros fotográficos e gravações de vídeos. Conforme Minayo (2003, p. 63), “fotografias e filmagens se apresentam também como recurso de registro aos quais podemos recorrer”. Assim, foi possível obter um maior número de informações coletadas nas interações dos bebês e de revê-la fora do contexto escolar, oportunizando os aspectos decorrentes das interações que no momento do campo não foi possível observar. Desse modo, a fotografia e as filmagens me auxiliaram na composição visual do trabalho, bem como no registro de tornar eternas as cenas das interações dos bebês.

Para o desenvolvimento do trabalho de campo, foi encaminhado às professoras da turma um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para sua participação na pesquisa (Apêndice A), à Direção da Escola (Apêndice B), com o intuito de deixá-los a par dos acontecimentos da pesquisa e aos responsáveis pelas crianças (Apêndice C), autorizando a utilização das imagens e das filmagens das crianças.

Alderson (2005) refere que a participação das crianças numa pesquisa envolve os adultos. Embora sejam eles que assinam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelas crianças, elas também precisam dar o seu consentimento.

Dessa forma, busquei encontrar o consentimento das crianças nas “cem linguagens⁴” dos bebês, pensando que os bebês são protagonistas, sujeitos de direitos. Dessa forma, busquei nessa pesquisa apresentar o nome e as imagens dos bebês que foram protagonistas das cenas das interações entre si.

Desse modo, tive que fazer escolhas das cenas. Primeiramente salvei todas as gravações dentro de uma pasta do meu notebook, intitulada de “Eternizando Momentos”, organizei-as por data das observações. Posteriormente observei todas as gravações, uma a uma, buscando identificar as interações entre os bebês. Para isso, tive que obter um olhar e uma escuta sensível para captar qual dos vídeos iria utilizar nas interações estabelecidas pelos bebês.

⁴ Cem linguagens significa estar atento aos símbolos e aos códigos que os bebês utilizam para se comunicar. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999)

Essa observação foi minuciosa, isto é, tive que estar “atenada” com as proximidades entre eles, observar se ocorriam olhares, toques, gestos e movimentos dos corpos. Quando percebia a interação na filmagem, utilizei um código escrito: “BOM”, e assim, sucessivamente, fui fazendo as eliminações. Analisei as filmagens uma a uma e cheguei a estas cenas a seguir, que narram a interação entre os bebês de 6 a 16 meses de idade.

As cenas⁵ foram divididas em cinco interações dos bebês, sendo elas denominadas de: Cena 1, Cena 2, Cena 3, Cena 4 e Cena 5. Nessas cenas, foram retratadas as situações e vivências das interações dos bebês. Dentro delas, identifiquei vários episódios e me guiei nas palavras de Kinney e Wharton (2009),

Episódio é um interesse identificado [...], não necessariamente mantido ou possível de ser mantido durante um longo período de tempo, mas que é importante tornar-se visível devido à sua importância na aprendizagem e no desenvolvimento da(s) criança(s). Assim como acontece com alguns tópicos pelos quais as crianças podem expressar interesse, o episódio pode ser transitório, como um dia, uma semana ou duas ou três semanas, e acabar. (KINNEY; WHARTON, 2009, p. 37)

Nesses episódios, haverá imagens das filmagens dos bebês protagonistas deste espetáculo, que são as marcas e as recordações principais da minha pesquisa. Além disso, nessa caminhada conversei e me encontrei com alguns autores que abordam o tema em questão.

Na sequência, conheça os atores protagonistas.

1.3 Os pequenos grandes atores protagonistas!

Neste subcapítulo, apresento os atores protagonistas desta pesquisa, situados dentro do referencial teórico do protagonismo infantil. Antes de revelar os protagonistas desse espetáculo, apresento o que conceitua o protagonismo. Para saber ainda mais sobre o protagonismo infantil, apresento, no Apêndice D, na pasta “Eternizando Momentos” – o vídeo do Protagonismo Infantil, que vivenciei durante a caminhada em que estive no berçário.

⁵ Cena: “se refere às etapas em que se subdivide a ação de uma peça, [...] de qualquer forma, é a divisão da narrativa dramática em partes” (VASCONCELLOS, 1987, p. 39).

Para Edwards, Gandini e Forman (1999, p. 160), as crianças são entendidas como “*protagonistas* ativas e competentes que buscam a realização através do diálogo e da interação com outras, na vida coletiva das salas de aulas [...]”.

Rinaldi (2012) define a imagem da criança como “aquilo que a criança é e tem, pode ser ou pode fazer” (p. 155). A autora relata que, desde o nascimento, a imagem da criança se encontra em relação com o mundo e com o desejo de experimentar este mundo, onde cria competências e habilidades por meio de “cem linguagens”, “uma criança plenamente capaz de criar mapas pessoais para a sua orientação social, cognitiva, afetiva e simbólica” (Ibidem, p. 156).

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar, de compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem, roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem (MALAGUZZI apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, sem página).

O fragmento acima revela a imagem da criança como possuidora de infinitas linguagens para expressar seus desejos, suas vontades, seus pensamentos e suas necessidades. Segundo Horn (2004), o protagonismo infantil considera a criança “como ator dos seus processos sociais” (p. 25), que “ela participa de trocas e interage com seus pares, promovendo transformações na sociedade [...]” (Ibidem, p. 26).

É preciso tornar as crianças “autoras das próprias histórias, abertas à mudança, agradecidas ao passado e cheias de nostalgia do futuro” (RINALDI, 2012, p. 201). Dessa forma, é necessário tornar os bebês como atores de suas próprias histórias e prontos para a mudança do passado e a vontade de sentir e de querer o futuro.

No entanto, o protagonismo também ocorre com os bebês, através de olhares, do brincar, dos balbucios, dos gestos, dos choramingos e dos sorrisos.

Goldschmied (2006) relata que os bebês “são capazes de iniciar sua aprendizagem e exploração por si e para si” (p. 121).

Desse modo, apresento a seguir os protagonistas desse espetáculo, que foram 13 bebês com quem convivi e que ficarão em minha memória para sempre:

Fotografia 1 - Luísa



Luísa, 7 meses, geralmente ficava na roda bebê⁶, pois necessitava de apoio para sentar. Observadora em tudo que acontecia ao seu redor.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Fotografia 2 - Laura



Laura, 11 meses, mostrava-se muito tranquila com minha presença. Ativa nas situações de aprendizagens e nos estímulos oferecidos.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

⁶ Roda bebê: espécie de um círculo onde o bebê é colocado dentro para sentar com apoio.

Fotografia 3 – Pedro



Pedro, 10 meses, demonstrava atenção nas diferentes situações organizadas. Estava sempre disposto para engatinhar e explorar todos os espaços e brinquedos.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Fotografia 4 - Victória

Victória, 10 meses, adorava receber uma atenção e um carinho, ficava sorridente ao receber colo.



Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Fotografia 5 – Júlia



Júlia, 16 meses, desde o primeiro dia que a conheci, me chamou atenção. Demonstrava-se curiosa e encantadora. Das cenas filmadas, ela é umas das protagonistas desse espetáculo. A cada dia que passava, fiquei mais encantada e admirada por ela.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Fotografia 6 - Davi

Davi, 16 meses, é um bebê expressivo e ativo, estava sempre disposto a encarar novas experiências e desafios, e assim participava de todas as brincadeiras e brinquedos disponibilizados.



Fonte: "Eternizando Momentos" da pesquisadora (2014)

Fotografia 7 – Sofia



Sofia, 8 meses, adorava receber um colo e explorava os brinquedos colocando-os na boca. Chorou bastante durante a pesquisa.

Fonte: "Eternizando Momentos" da pesquisadora (2014)

Fotografia 8 – Kiara

Kiara, 15 meses, um bebê observador que acompanhava todas as movimentações que ocorreram na sala, explorando os brinquedos oferecidos.



Fonte: "Eternizando Momentos" da pesquisadora (2014)

Fotografia 9 - Rafaela



Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Rafaela, 6 meses, é o bebê mais novo da turma, durante a pesquisa participava pouco nas interações com seus colegas, pois permanecia dormindo.

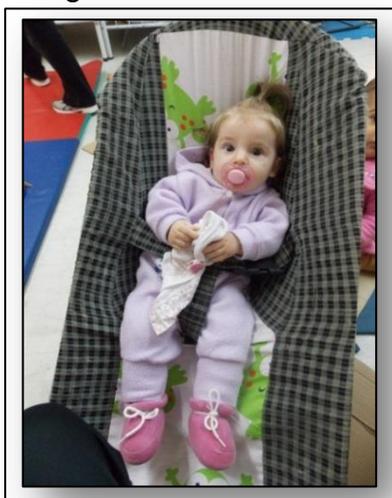
Fotografia 10 - Lucas

Lucas, 7 meses, observador e ativo nas diferentes situações organizadas. Acompanhava todas as movimentações que ocorriam com os seus colegas e com as professoras. Suas expressões eram engraçadas e curiosas, as quais me faziam rir a cada momento.



Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Fotografia 11 – Eduarda



Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Eduarda, de 8 meses, tinha medo de ficar sozinha no chão da sala, portanto ficava bastante tempo no bebê conforto⁷.

Aos poucos começou a se sentir segura e passou a brincar no chão juntamente com seus colegas.

⁷ Bebê conforto: cadeira de balanço que os bebês são colocados para dormirem.

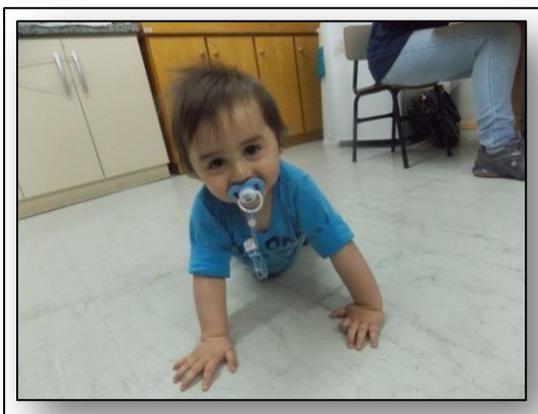
Fotografia 12 – Francisco

Francisco, 16 meses, não esteve presente durante a pesquisa por motivo de doença, mas mesmo assim, o apresento como protagonista também deste espetáculo.



Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Fotografia 13 - Pietro



Pietro, 11 meses, ensaiou seu primeiro engatinhar durante a pesquisa.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

A seguir, conheça o cenário das encenações e das apresentações dos atores protagonistas.

1.4 O cenário⁸

Neste subcapítulo apresento o cenário desta pesquisa, onde foi realizada a apresentação e a encenação dos atores protagonistas deste espetáculo. As cenas que apresentarei a seguir ocorreram na sala dos bebês e no solário⁹.

⁸ Cenário significa “encenação teatral, a forma dada ao espaço cênico, ou seja, o arranjo dado à cena através de linguagem visual, pictórica e arquitetural” (VASCONCELLOS, 1987, p. 40)

⁹ Solário: é uma área livre, anexa à sala dos bebês, os quais são levados para brincar. É um espaço cercado com piso de cerâmica.

Na sala do berçário encontram-se berços e armários dispostos em um único ambiente, assim como o trocador, possibilitando que as professoras acompanhem todos os bebês, até mesmo no momento da higiene. Há geladeira e micro-ondas que facilitam o cuidado e armazenamento das mamadeiras e de alimentos que necessitam de resfriamento e aquecimento. O solário é um espaço onde os bebês podem brincar e sentir o vento, correr, observar o pátio e os outros colegas da escola.

Como os bastidores, os atores protagonistas e o cenário já foram conhecidos, convido você a visualizar as cenas e conhecer o espetáculo, recheado de alegria, de encantamento, de afetividade e de muita magia.

2 ABREM-SE AS CORTINAS... LUZ, CÂMARA, AÇÃO...

A seguir, você visualizará as cenas com vários episódios dos bebês protagonistas deste espetáculo, que interagem entre si, em que os mesmos evidenciam a suas aprendizagens, os seus sentimentos e suas emoções...

Antes de apresentar as cenas deste espetáculo, conceituo o que neste trabalho significa “interação”.

As interações, conforme Ferreira (2004), só existem quando forem compartilhadas socialmente com o outro, pois as ações não têm sentido isoladamente. As interações são constituídas através das negociações e das interpretações de ambas as crianças, as quais são capazes de construir um entendimento de mutualidade, de aceitação, de participação e de aprendizagem entre elas.

Entendo que interação é o envolvimento entre mais de uma pessoa. É fazer algo junto estabelecendo reciprocidade através das trocas de experiências, das aprendizagens, do entender e compreender o outro numa forma conjunta. É construir, negociar e partilhar com o outro e ser capaz de realizar ações comuns.

As cenas que serão apresentadas a seguir foram retiradas do meu diário de campo “Eternizando Momentos”, que busca responder à pergunta-problema do meu estudo, revelando as interações entre os bebês entre 6 a 16 meses de idade. Cada cena é uma forma de situar e conhecer as interações dos bebês, revelando-os como

bebês protagonistas ativos com potenciais e que participam das ações de suas aprendizagens e das suas vivências na relação e na interação com o outro.

Em meio a essas cenas, surgem algumas constatações da pesquisadora. Cabe ressaltar que, durante a pesquisa, as interações e as ações dos bebês partiram deles próprios e eu, como pesquisadora, em nenhum momento interferei em suas aprendizagens.

Na cena 1, trago a interação entre os bebês através da comunicação; na cena 2, a interação dos bebês através da afetividade; na cena 3, apresento a interação entre os bebês através da imitação; na cena 4, apresento o brincar como uma das formas de interação entre os bebês; e, na cena 5, a interação entre bebês através dos objetos. As filmagens estão no (Apêndice D) – no DVD, Pasta “Eternizando Momentos”. Nesta pasta encontram-se todas as cenas das interações entre os bebês.

Apresento, a seguir, o desenrolar de cada cena que contagia a vivência e a aprendizagem desses bebês protagonistas de suas próprias histórias, tornando-os visíveis, ativos e competentes na interação entre si.

Na cena a seguir, apresento a interação entre os bebês através da comunicação.

2.1 Cena 1 – A interação entre Júlia e Pedro através da comunicação

Neste subcapítulo, apresento a cena 1, que revela a interação entre os bebês através da comunicação entre Júlia, de 16 meses, e Pedro, de 10 meses. Na cena você visualizará dois episódios: no episódio 1, apresento o “olhar” como uma forma de comunicação e no episódio 2, apresento as expressões do corpo que emergem da comunicação.

As cortinas se abrem e inicia-se a cena entre dois bebês. Nos episódios, você visualizará os dois bebês conversando num diálogo sem palavras, mas de olhares, de movimentos e de gesticulações. As expressões dos dois bebês se organizam de uma maneira tão especial e de forma prazerosa que entre eles há um objetivo em comum, de se comunicar, através das expressões do corpo e da conversa no processo do escutar, do observar e de compreender o outro.

No episódio abaixo, revelo o olhar como forma de comunicação entre Júlia e Pedro.

Episódio 1 – O olhar como uma forma de comunicação



Júlia e Pedro estão sobre dois colchões no chão do solário. Júlia com sua mão esquerda na parede. Fixa seus olhos em Pedro. Pedro olha para Júlia, com a boca aberta e suas mãos sobre os colchões...

...Júlia conversa com Pedro mexendo seu braço direito e movimentando-o várias vezes. Fixa seu olhar em Pedro e ele a retribui, olhando para ela.

...Pedro sorri, abre e fecha sua boca fazendo movimentos lentos e pisca seus olhos...

O episódio acima inicia-se com Júlia e Pedro trocando olhares. Esta ação é revelada por Coutinho (2013) quando ele afirma que o olhar é o elemento essencial de perceber e de se comunicar com o outro. Pedro observa que Júlia está tentando conversar com ele e os dois trocam olhares intensos.

Entendo que o bebê, desde que nasce, percebe através do olhar quem lhe dá atenção. O bebê necessita desse olhar porque é através dele que aprende a se comunicar e a ser correspondido, possibilitando-lhe novas aprendizagens.

A partir dos 10 meses de idade, Braselton¹⁰ apud Roman e Dotto (2001) afirmam que o bebê apresenta princípios de cooperação. Percebe-se que nessa situação, o olhar de Pedro se atenta ao de Júlia, apresentando, ao mesmo tempo, uma ação que emite uma cooperação entre eles. Revela-se que Pedro sorri, abre e fecha sua boca fazendo alguns movimentos e pisca seus olhos, revelando uma resposta aos sinais de Júlia. Nota-se que entre eles há um objetivo em comum, de se comunicar através de olhares.

Nessa ação, a cooperação foi necessária, pois é através dela que emerge o conjunto, o cooperar e o fazer juntos. Assim, as primeiras manifestações da cooperação como o sorrir, abrir e fechar a boca e o piscar os olhos fazem com que um entenda o outro numa forma conjunta, através do entender, do fazer e do compreender um ao outro.

O bebê tem grande capacidade de seguir com o olhar os movimentos e as expressões dos colegas. A percepção visual é de suma importância para ele, pois é através dela que o bebê sente, aprende e escuta, porque o olhar também fala e se comunica, mesmo sem palavras.

No episódio a seguir, apresento as expressões do corpo de Júlia que emergem da comunicação, estabelecendo um diálogo com Pedro.

¹⁰ BRASELTON, T. Berry. **As primeiras relações infantis**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Autor extraído da obra de Roman e Dotto (2001).

Episódio 2 – As expressões do corpo de Júlia que emergem da comunicação



A conversa e os olhares continuam... Júlia com seu braço direito faz movimentos circulares para cima e para baixo...

... e Pedro continua a observá-la.

...Pedro movimenta seus dedos da mão...



Júlia olha para o pátio e Pedro, nem se mexe, fica concentrado e observando sua colega. Os olhares permanecem.



No desfecho dessa cena, Pedro coloca sua mão direita na parede e Júlia se aproxima dele. Pedro se ajoelha e coloca suas mãos na parede e Júlia se afasta...

Fonte: "Eternizando Momentos" da pesquisadora (2014)

Ao ver o episódio acima, nota-se uma preciosidade nos movimentos das mãos de Júlia. Bassedas, Huguet e Solé (1999) afirma que a criança em relação a esses movimentos do esquema corporal revela uma conquista enorme. Esses

movimentos que Júlia realiza com suas mãos representam uma maneira de conhecer o seu próprio corpo e o que ele tem a oferecer.

Por meio disso, as expressões da protagonista Júlia revelam que a mesma está ensaiando e descobrindo os movimentos do seu corpo, isto é, o movimento de seu braço, dos gestos e dos olhares, demonstrando diversos arranjos corporais para conversar com Pedro. Seus movimentos e gesticulações representam uma forma de comunicação que emerge pelo corpo.

Esta caracterização se aproxima também nas falas de Barbosa e Richter (2010, p. 87) os quais definem que “as suas formas de comunicar emergem do corpo e acontecem através de gestos, dos olhares, dos sorrisos”. Dessa forma, a intenção de Júlia é de se comunicar e falar algo para Pedro, que se transforma numa conversa desdobrada em sorrisos, em gestos, em sentimentos e em emoções.

Quadro 1 – Diário de Campo 1

“Eternizando Momentos”

Ao observar, a minha escuta se atenta ao ver dois bebês. Meus olhos brilham ao ver Júlia e Pedro conversando, através de gestos, olhares e sorrisos. Momento único e especial. Fico pensando o que será que eles estavam conversando? O que Júlia falou para Pedro?

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Ao ver Júlia, de pé, percebe-se que demonstra autonomia e coordenação dos movimentos. Justifico nas palavras de Bassedas, Huguet e Solé (1999) ao afirmar que, ao longo dos primeiros anos de vida, algumas mudanças muito significativas acontecem no que se refere à capacidade de locomoção e coordenação do movimento. A criança passa de uma situação de total dependência a uma autonomia completa e ao controle e à coordenação quase que total.

Em relação à coordenação dos movimentos do corpo e à locomoção, entendo que o bebê primeiramente rola, arrasta-se, senta, engatinha para depois caminhar. Quanto mais desafios e estímulos proporcionarmos a ele, mais irá se desenvolver, aprender e explorar e, conseqüentemente, mais autonomia ele terá, isso faz com que ele estabeleça interações e adquira novas experiências juntamente com o outro.

Essas experiências interativas se revelam através do corpo de Pedro, que se atenta para interpretar Júlia, e tenta entender o que ela está querendo lhe dizer. Assim, Ramos (2001) diz que o bebê só consegue ter uma comunicação efetiva se houver uma interpretação pelo outro. Dessa forma, no desfecho da cena, Pedro ajoelha-se colocando as suas duas mãos na parede, realizando o pedido da colega.

Diante disso, observando e escutando esses bebês, às vezes me parece que estes sentimentos e emoções parecem fluir muito mais por parte da pesquisadora, do que para os bebês, pois eles interagem de uma maneira tão natural que muitas vezes nós adultos não iríamos conseguir conversar com o outro através do olhar e com os movimentos do corpo assim como eles.

Portanto, revela-se que os bebês interagem entre si através da comunicação e da expressão do corpo, pois o corpo, o sorriso, os olhares e os gestos falam. Essa cena relatada estabelece uma conversa de pura emoção, de desejos, de significados, do sorrir, do olhar, do movimento do corpo e uma gama de necessidades que emergem da comunicação na interação com o outro. Assim, os bebês interagem e se comunicam desde cedo, desde que nascem. Acredito que essa conversa entre Júlia e Pedro reúne um fazer algo juntos, momento em que realizam, estabelecem e criam relações com o outro para se tornarem atores protagonistas de suas próprias histórias.

Aplausos!!!

E as cortinas se fecham!!!

Na cena a seguir, apresento a interação entre os bebês através da afetividade.

2.2 Cena 2 – A afetividade entre Luísa e Júlia

Neste subcapítulo, apresento a cena 2, que revela a interação dos bebês através da afetividade. Nesta cena, apresento dois episódios, no episódio 3 “o choro” como uma forma de afetividade entre Luísa e Júlia e no episódio 4, apresento “o toque e as carícias” entre Luísa e Júlia. Cabe ressaltar que nesta cena o choro e o toque emergem a “afetividade”.

Abrem-se as cortinas, Luísa, 7 meses e Júlia, 16 meses, protagonizam a cena de afetividade. A afetividade para Bassedas, Huguet e Solé (1999) envolve os aspectos relacionados às possibilidades de sentir-se bem, ou seja, de a criança ter um equilíbrio pessoal, permitindo assim confrontar-se com situações e com pessoas novas e, com isso, estabelecer relações cada vez mais alheias e atuar no mundo em que rodeia.

A mesma autora revela que ao nascerem, todos os bebês estão imersos num ambiente de afeto, cuidado, estima e proteção, que são essenciais nas relações com o outro para obter um crescimento físico e um desenvolvimento em todas as capacidades e, com isso, surgem as suas primeiras formas de comunicação e de relação como o sorriso, o abraço, as carícias, o choro e as palavras. Em meio a isso, o bebê vai identificando e criando uma sequência de fatos que se repetem e são fundamentais para manter um vínculo de relacionamento com as pessoas que vivem com ele. Dessa forma, apresento o choro como uma forma de afetividade entre Luísa e Júlia.

Episódio 3 – O choro como uma forma de afetividade entre Luísa e Júlia

	<p><i>Luísa está sentada no roda-bebê e chora. Júlia está do seu lado e fica observando-a.</i></p>	
<p><i>Luísa olha chorando para Júlia. Ao olhar para sua colega, seu choro aos poucos vai diminuindo. Júlia continua observando-a.</i></p>		

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

No episódio acima, percebe-se que Luísa está chorando. Sabemos que o primeiro som que a criança expressa é o choro. O choro, portanto, revela uma tristeza nas expressões faciais de Luísa, mostrando um desconforto. Nesse caso, pode ser interpretado de diferentes maneiras dependendo da interpretação de cada um dos profissionais que trabalham com as crianças (ROSSETTI-FERREIRA, 2002).

Essa ideia se aproxima também das falas de Maldonado (2003), ao definir que, para o bebê, o choro é um dos principais recursos pelos quais ele pode se comunicar e expressar o que sente. Assim, as pessoas que convivem com os bebês necessitam de ouvidos bem atentos para escutar a “música” do choro dos bebês e descobrir as necessidades dos mesmos.

Quadro 2 – Diário de Campo 2

“Eternizando Momentos”

Ao observar essa cena, recordei-me dos momentos quando era professora de bebês. Quando os bebês choravam, muitas vezes não entendia o que eles queriam me dizer ou o que sentiam naquele momento. Para isso foi necessário desenvolver uma escuta e um olhar atentos para entender o seu choro, pois o mesmo pode ser entendido de várias maneiras como dor, sono, colo ou fome.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Assim como para os adultos a escuta é importante, para a criança também é. Pode-se perceber que Júlia demonstra uma escuta e um olhar atento com o que ocorre com Luísa. O olhar de Júlia envolve uma reciprocidade e atenção por Luísa. Isso se justifica nas palavras de Oliveira (2007), quando diz que o bebê faz parte de um grupo, demonstra interesse pelo que acontece com o outro e também ocorre uma sintonia de reciprocidade. Assim, Luísa aos poucos para de chorar e começa a se desdobrar numa forma de carinho, de atenção e de confiança em relação à colega.

Maldonado (2003) revela que, desde os primeiros meses, o bebê precisa sentir que há pessoas ao redor dele que podem satisfazer suas necessidades, revelando apoio e confiança. Por meio disso, Luísa choraminga e olha em direção à pesquisadora, demonstrando como se fosse querer um colo para acalmá-la. Ao ver

as expressões de Luísa, a protagonista Júlia procura satisfazer os desejos da colega, realizando toques e carícias em seu rosto.

Diante dessa interação entre Luísa e Júlia, apresento a seguir o episódio que revela o toque e as carícias entre ambas, destacando cenas de afetividade.

Episódio 4 – O toque e as carícias entre Luísa e Júlia



Júlia fica de joelhos e encosta sua cabeça na de Luísa, fazendo carinho para acalmá-la do choro. Luísa aceita o toque.



Quando Júlia se afasta, Luísa choraminga novamente. Júlia sorri para Luísa e Luísa olha para Júlia.



Desse modo, Júlia volta a acariciar Luísa e ela, com sua cabeça, ajuda a esfregar a cabeça de Júlia, com carinhos mais intensos, sentido a cabeça tocando na dela.



Júlia se afasta e aponta seu dedo para Luísa e conversa com ela, balbuciando. Júlia se aproxima de Luísa ficando com seus braços sobre o roda-bebê, e os dois bebês se trocam olhares e se tocam novamente. Júlia se afasta.

Ao ver o episódio acima, percebe-se que Luísa e Júlia estão interagindo através das carícias e do toque, demonstrando uma sintonia. Maldonado (2003) revela que o bebê tem uma sensibilidade muito grande e é através da pele, do olhar e do ouvido, que ele capta as emoções fortes das pessoas que lidam e vivem com ele. As carícias e o toque são um “banho” de carinho, sendo um alimento necessário para nutrir as trocas de afetos e para fortalecer a comunicação. Dessa forma, Júlia consola Luísa através do toque, do contato físico, das carícias que criam uma confiança entre elas.

O toque, as carícias e o afeto são necessários para o bebê e essenciais para a interação com o outro, desenvolvendo assim um crescimento na identidade pessoal e um crescimento em todas as capacidades, na autonomia e na independência.

Após, Júlia volta a tocá-la, pois percebe que Luísa choraminga. A respiração de Luísa aumenta de emoção e de consolo, fazendo com que levemente suspire como se estivesse aliviada do seu choro. Nota-se que a interação entre os dois bebês ocorre novamente, pois as ações iniciadas por Júlia ao encostar sua cabeça na cabeça de Luísa fazem com que seus corpos se encostem, promovendo a aceitação, o bem-estar, o conforto e, ao mesmo tempo, reciprocidade e sintonia, isto é, uma mutualidade em perfeita harmonia, cujo entrosamento é igual tanto para um como para o outro.

Júlia troca balbucios com Luísa. A satisfação de Luísa é tamanha que se nota que se acalmou quando foi acalentada por Júlia.

Ao ver essa cena, retomo as palavras de Shinyashiki (1985) do seu livro “A carícia essencial”, quando ele revela sobre a importância do afeto e da importância de se desenvolver a capacidade de se relacionar com o outro. Entendo oportuno e interessante neste momento referenciá-lo, pois revela que o ser humano sente fome de estímulos e de contato com o outro. Os estímulos são fundamentais para a sobrevivência, porque o indivíduo que vive em solidão, sem carinho e afeto, pode ficar deprimido, irritado, perde a razão de viver.

As carícias são essenciais, porque, além de significarem uma troca gostosa e de propiciar sensação de proteção e segurança, fornecem material para a pessoa

criar sua personalidade e a sua identidade. Assim, é possível verificar que a afetividade revelada nesta cena se manifesta através do contato de afetividade e de reciprocidade mútua entre Júlia e Luísa, pois é através do toque, do carinho, do aconchego, das carícias, dos afetos e do amor que os bebês aprendem a conviver uns com os outros.

Aplausos!!!

E as cortinas se fecham!!!

Na cena a seguir, apresento a interação entre os bebês através imitação.

2.3 Cena 3 – A interação entre Davi e Eduarda através da imitação

Neste subcapítulo, apresento a cena 3 que revela a interação entre os bebês através da imitação. Nesta cena você visualizará três episódios. No episódio 5, apresento “o toque e o olhar” de Davi na busca pela mão de Eduarda, no episódio 6, apresento o “balbucio e o equilíbrio do corpo” de Davi e, no episódio 7, apresento a “imitação” através do choro. Cabe ressaltar que para entender esta cena denominada “imitação”, primeiramente será necessário apresentar outras situações.

As cortinas se abrem e a cena inicia-se. Davi de 16 meses e Eduarda de 8 meses, ambos estão deitados nas camas. Eduarda de barriga para cima e Davi de bruços. O olhar de Davi se fixa na mão de Eduarda e ela fixa nos olhos dele, um sentimento de afeto e de carinho um pelo outro.

No episódio a seguir, apresento o toque e o olhar de Davi na busca da mão de Eduarda.

Episódio 5 – O toque e o olhar de Davi na busca da mão de Eduarda



Eduarda e Davi, deitados nas camas, se olham e suas mãos se tocam. As duas mãos se soltam e Davi coloca sua mão no travesseiro.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

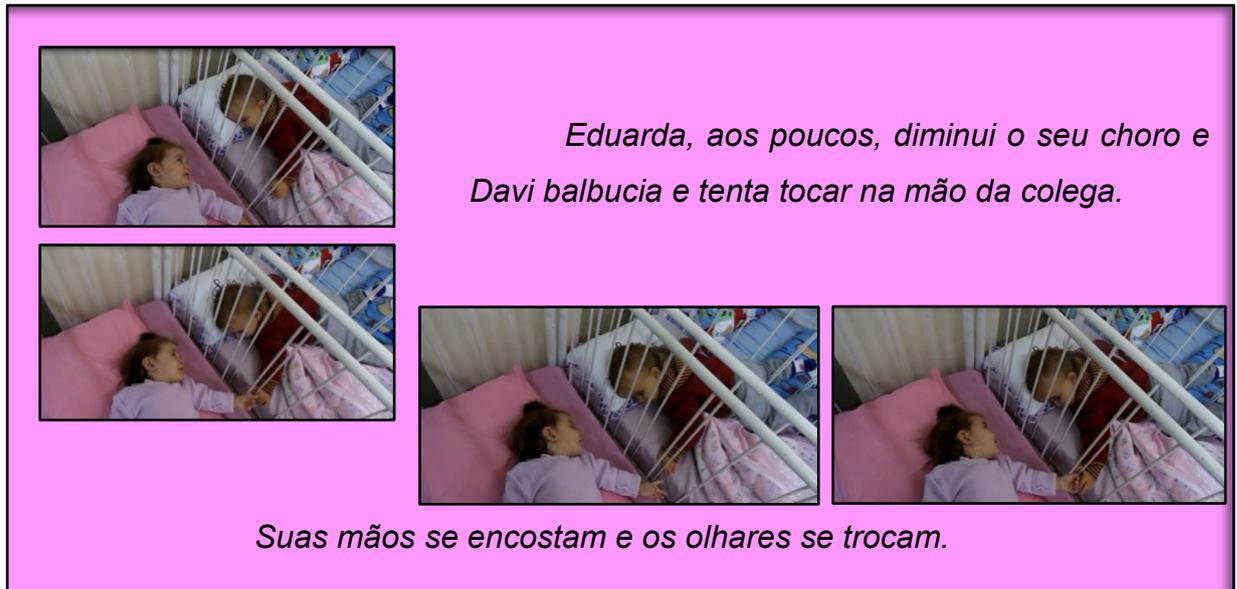
Nesse episódio, verifica-se que as mãos dos bebês se tocam, o que manifesta alegria e prazer em ambos. Nesse sentido, Oliveira (2007) defende que as interações ocorrem pelo interesse de um pelo outro, revelando sintonia e reciprocidade. Em virtude disso, as expressões como o olhar e o toque de Eduarda e de Davi indicam um desejo de realizarem juntos essa interação.

Outro aspecto a ser destacado ocorre no instante em que Eduarda tira a sua mão da mão de Davi, ela chora, grita e olha procurando-me visualmente para buscar ajuda. Neste caso, os gritos e o choro também são códigos de comunicação. Para esta questão, o mesmo autor define que, a partir dos primeiros meses, os bebês vivenciam situações que envolvem interações podendo ser compreendidas como trocas de mensagens, por meio de gritos e gesticulações. Parece que nesse momento a expressão de Eduarda era de pavor, de pânico.

Entendo que Davi não queria machucá-la e sim, alcançá-la para ter um contato através do toque, do carinho e do acalento. Acredito que a nossa pele e o nosso corpo constituem um reflexo das nossas emoções, as quais demonstram afeto, carinho e trocas mútuas pelo outro. O tocar no outro e o contato pele com pele é uma experiência significativa para o bebê o qual descobre e explora o seu entorno. Dessa maneira, Franchi e Vasconcelos, et al. (2003) corroboram que os bebês possuem características bastante desenvolvidas através da percepção, facilitando a comunicação e a aprendizagem com o outro.

Nesse sentido, apresento o episódio a seguir, o balbucio e o equilíbrio do corpo de Davi.

Episódio 6 – O balbucio e o equilíbrio do corpo de Davi



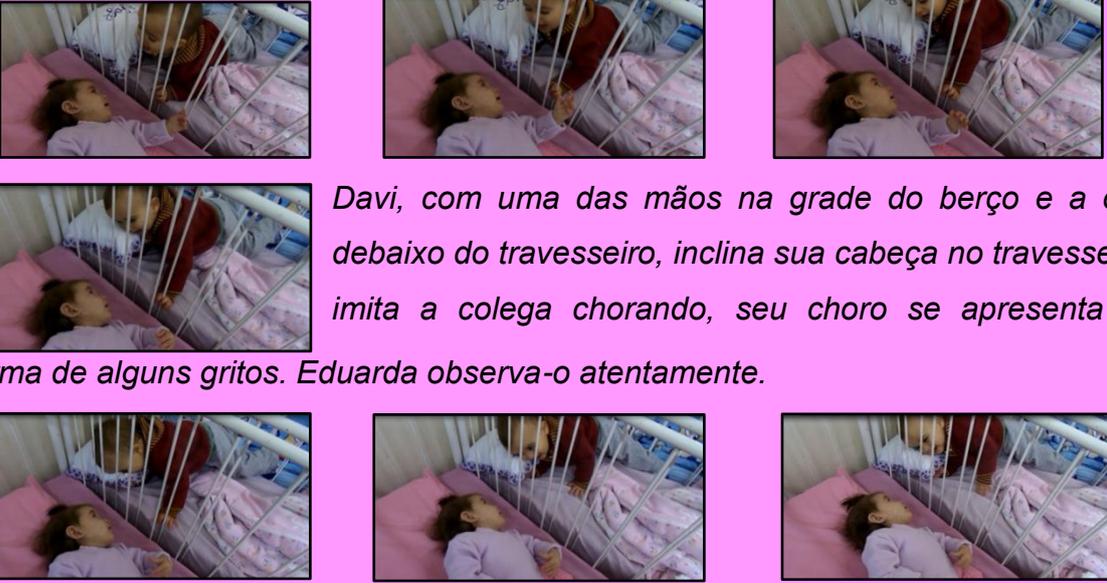
Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

No episódio acima, percebe-se que, aos poucos, Eduarda olha choramingando para seu colega Davi e as pernas dele se mexem. A mão de Davi volta a buscar a mão da colega, nesse momento balbucia. Entendo que os balbucios de Davi representam uma construção da fala que ele vai estabelecendo com sua colega. Nem sempre compreendemos tudo o que o bebê quer nos falar, mas é possível entender através dos gestos, das vocalizações e das expressões de seus movimentos. Conforme Costa, Guimarães e Rossetti-Ferreira (2002), a criança não nasce com a fala, mas nasce com a capacidade de desenvolver a fala e esta vai sendo constituída nas diversas interações que a criança vai estabelecendo com as pessoas.

Davi, com o olhar fixo em Eduarda, apoia suas mãos sobre o colchão e movimenta seu corpo, ficando de joelhos e com sua cabeça no travesseiro. Eduarda chora desesperadamente. Davi coloca sua mão na grade da cama e tenta buscar a mão de Eduarda para acalmá-la e acalentá-la, mas não consegue. Essa atitude de Davi faz com que seu corpo realize várias manobras, numa tentativa de buscar o equilíbrio sob o colchão. Entendo que, em função de Davi estar no berço, sua movimentação ficou limitada, ou seja, se estivesse no chão, seus desafios e a busca pela colega facilitariam a interação entre ambos.

Observa-se que Davi fixa seu olhar no rosto da colega e levanta sua cabeça para poder visualizar melhor, ficando na posição de engatinhar e observa a colega chorar. Dessa forma, entendo que Davi manifesta e dirige um olhar interrogativo para achar uma maneira de descobrir o porquê do choro de Eduarda. Diante dessas situações apresento o episódio abaixo, a imitação através do choro.

Episódio 7 – A imitação através do choro



Davi, com uma das mãos na grade do berço e a outra debaixo do travesseiro, inclina sua cabeça no travesseiro e imita a colega chorando, seu choro se apresenta sob forma de alguns gritos. Eduarda observa-o atentamente.

Davi esfrega sua cabeça no seu travesseiro e olha para sua colega. Eduarda retribui.

...Davi coloca sua mão na grade. Eduarda inclina seu corpo em direção ao dele...

...Davi esfrega sua cabeça no travesseiro...

... e alcança, com a mão, a boca de Eduarda.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Neste episódio, percebe-se que Davi, prende sua mão na grade do berço. Inclina vagarosamente sua cabeça no travesseiro. Sua mão se solta da grade e imita sua colega chorando.

Piccinato¹¹ apud Barreto (2004) afirmam que a imitação é uma das modalidades predominantes da interação entre as crianças, pois é uma estratégia adotada para que as mesmas tenham contato com os seus parceiros, sendo a imitação considerada como um recurso eficiente de comunicação. Por meio da imitação, elas têm a oportunidade de se comunicar e interagir com seus pares mesmo que não dominem o código verbal.

Os mesmos autores afirmam que a imitação é revelada como uma aprendizagem de comportamentos. Isso ocorre quando a criança imita um comportamento ou uma atitude já reconhecida em seu repertório. Nesse sentido, o choro de Davi se transforma em gritos suaves e, ao mesmo tempo, em risos. Entendo que essa atitude de Davi é uma expressão que ele já conhece. Assim, consegue se expressar através do choro, dos balbucios e dos gritos, que já estão presentes em seu repertório.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito aos arranjos musicais com que Davi se expressou. Eles são revelados como balbucios que ocorreram através da imitação do choro. Ao ver esse episódio, lembrei-me de Aimard (1998) do seu livro “O surgimento da linguagem na criança”, em que revela que o bebê consegue participar, interagir e enriquecer o vocabulário imitando sinais de pedido, tentando atrair a atenção. Conforme a autora, “a partir dos primeiros meses e durante o seu primeiro ano, a criança adquire capacidades interativas e balbucia” (Ibidem, p. 59). Dessa maneira, para tentar atrair a atenção de Eduarda, Davi produziu gritos, emitindo sinais de atenção. Davi sabia como conseguir o que queria, pois imitou através do choro, e Eduarda parou de chorar. De acordo com as autoras, o choro é uma maneira de chamar a atenção da pessoa.

Entendo que essa atitude de Davi foi de se aproximar e de ter um contato mais intenso com Eduarda, já que suas tentativas foram várias. Nesse sentido, Piccinato apud Barreto (2004) afirmam que a imitação das crianças perpassa pelo olhar, pela atenção que uma tem pela outra, pela aproximação e pelo contato entre elas, sendo assim o choro de Davi revela uma forma de se comunicar mesmo sem falar. Assim, Davi primeiramente escutou o choro de Eduarda, para depois imitá-la.

¹¹ PICCINATO, C. A. **Análise de ações imitativas com função de comunicação entre bebês em creches**. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de São Carlos, 1999.

No desfecho dessa cena, Eduarda observa-o atentamente, escutando o repertório do colega e seus olhos nem piscam, ficando com um rosto de espanto. Em seguida, Davi esfrega sua cabeça no travesseiro e observa sua colega atentamente para ver o que ela vai fazer com sua reação. Faz alguns “charmes” com alguns risos para Eduarda, pois percebe que ela gostou do que ele fez. Sua mão encosta na grade do berço e busca com ela a boca de Eduarda.

Percebe-se que esta cena organizou-se através das trocas de olhares, de toques, de comunicação e de carinho que fazem parte do processo de imitação na interação entre os bebês. O bebê também sente prazer e necessita brincar com a sua voz e com os sons produzidos pelo seu corpo. Assim, não ensinamos a linguagem para o bebê, e sim enriquecemos o seu vocabulário, auxiliando-o na sua linguagem, mas isso ocorre de forma lenta, tudo evolui no seu tempo e cada idade é marcada por uma singularidade.

Aplausos!!!

E as cortinas se fecham!!!

Na cena a seguir, apresento a interação entre os bebês através da brincadeira esconde-esconde.

2.4 Cena 4 – A interação entre Júlia e Pedro através da brincadeira de esconde-esconde

Neste subcapítulo apresento a cena 4, que revela o brincar como uma das formas da interação entre os bebês. Nessa cena, apresento um episódio da brincadeira de esconde-esconde entre Júlia e Pedro. As cortinas se abrem e inicia-se a cena entre dois bebês, Júlia de 16 meses e Pedro com 10 meses. No episódio, apresento Júlia e Pedro brincando de se esconder dentro do minhocão¹².

No episódio a seguir, apresento a brincadeira de esconde-esconde entre Júlia e Pedro.

¹² Minhocão: é um brinquedo que os bebês podem entrar e sair, espécie de túnel. O seu material pode ser de pano, de plástico, de caixas.

Episódio 8 – A brincadeira de esconde-esconde entre Júlia e Pedro



Júlia está dentro do minhocão e Pedro do lado de fora fica observando-a...

... Pedro se atenta ao som de uma música e Júlia fica olhando para ele....

...Júlia se aproxima de Pedro olhando para seu rosto.

...Pedro vira seu corpo com sorrisos e Júlia fica observando-o... Júlia se afasta dele. Pedro coloca sua língua para fora da boca e balbucia... ...Pedro vai ao encontro de Júlia e ele se afasta.

... Júlia salta para frente engatinhando e vai ao encontro de Pedro. Júlia balbucia e se esconde. Júlia volta e os dois trocam carinho e afeto.

Fonte: "Eternizando Momentos" da pesquisadora (2014)

O episódio acima inicia-se com Júlia dentro do minhocão e Pedro do lado de fora, observando-a. Esta ação é revelada por Stambak et al. (2011) ao afirmar que a brincadeira de esconder e aparecer provoca o bebê a estar em um lugar protegido. A brincadeira não pode ser realizada sem o outro, pois ela manifesta-se através de olhares e risos de um para o outro.

Percebe-se que a brincadeira de esconde-esconde parece proporcionar a Pedro e Júlia uma felicidade enorme.

A partir do primeiro ano de idade, Bondioli (1998) afirma que o bebê descobre o objeto ou o uso do objeto como um instrumento central para a ação nos jogos como o de esconde-esconde. Assim, Júlia descobre que o minhocão é o seu objeto alvo da ação para a realização da brincadeira de esconde-esconde com Pedro. Nesse sentido, o bebê tem grande capacidade de criar durante o brincar, pois essa ação oferece escolhas e permite ao bebê interpretar e explorar o ambiente com novas experiências e aprendizagens.

Ao estar dentro do minhocão, Júlia faz alguns malabarismos com o seu corpo para ficar de frente para Pedro a fim de chamar a sua atenção. Para essa ação de Júlia, destaco Oliveira (2000), ao defender que o bebê entre 1 a 1 ano e meio de idade adquire maior equilíbrio, coordenação e flexibilidade dos seus movimentos corporais.

Nesse tempo, Pedro fica atento ao que ocorre pela sala, quando escuta o som de uma música produzida pela TV que encontra-se ligada. Assim, balança seu corpo produzindo movimentos para cima e para baixo, interagindo com o ritmo da música. Bassedas, Huguet e Solé (1999) afirma que o bebê desde o nascimento é capaz de perceber sons e ruídos em sua volta, aprendendo a utilizar o seu corpo para expressar as emoções, as vivências e suas intenções. Dessa forma, entendo que Pedro também está brincando com o ritmo da música, pois balançar o corpo é uma forma de brincar.

Diante desse fato, Júlia faz de tudo para que Pedro olhe para ela. Fixa seus olhos no rosto dele e logo engatinha indo ao seu encontro, para aparecer para Pedro. Em relação a esse movimento de Júlia, destaco as palavras de Barbosa ([2014?], texto digital) quando afirma que o bebê constrói a sua identidade a partir dos seus movimentos. Isso faz com que ele consiga ver o mundo de diversas maneiras e posições. Nesse sentido, ao se aproximar do colega, o rosto de Júlia se enche de alegria pela busca de Pedro, demonstrando risos. Ao chegar perto dele, os dois se olham.

Pedro expressa-se com alguns risos para Júlia, esconde-se, com o seu corpo inclinado e dobrado, ficando de lado para sua colega. Para Bassedas, Huguet e Solé (1999) essa característica é chamada de habilidades de locomoção, que são as

capacidades de equilíbrio e de estabilidade, que resultam em um deslocamento em relação ao eixo do corpo e não do corpo todo. Dessa maneira, o movimento do corpo de Pedro necessita de um controle muscular do tônus e do equilíbrio. Isso se percebe quando sua mão direita se apoia no chão para manter o equilíbrio e, ao mesmo tempo, impulsiona-se com sua mão direita e suas pernas e vai em direção a sua colega Júlia. Júlia, ao perceber que Pedro não olha para ela, afasta-se.

Em seguida, Pedro coloca sua língua para fora como se fosse ensaiar o que iria falar para Júlia e balbucia. Essa ideia é revelada por Aimard (1998) ao afirmar que, por volta dos 10 meses, o bebê já começa a brincar com as repetições das sílabas e posteriormente o bebê consegue ensaiar as suas primeiras palavras. Nesse sentido, Oliveira (2000) acrescenta que, dos 8 aos 12 meses de idade, a comunicação do bebê progride e ele já começa a associar algumas palavras que emite, fazendo relações e dando sentido a essas palavras. Dessa forma, nesta faixa etária, o bebê compreende muito mais do que se expressa verbalmente, sendo assim, Pedro compreendeu que a intenção de Júlia era de brincar com ele.

Diante desses movimentos do corpo dos dois bebês, destaco Oliveira (2010), que afirma que esses movimentos do corpo são organizados por um ambiente que tenha interação, envolvimento e prazer, como é o caso dessa brincadeira que faz com que Júlia e Pedro agilizem e aumentem as suas verbalizações, a imaginação, o raciocínio e a criatividade, o que possibilita que sejam mais autônomos. A partir desse episódio, percebe-se que a brincadeira de esconde-esconde provoca emoção entre Júlia e Pedro, causando surpresa e contentamento entre os dois bebês.

Em seguida, Pedro se afasta e Júlia se aproxima saltando para frente, vai ao encontro de Pedro e balbucia. Logo entra novamente no minhocão, querendo se esconder. As expressões do rosto de Pedro se transformam em euforia e alegria. Após, ele balbucia e balança suas mãos. Dessa maneira, a brincadeira de esconde-esconde faz com que Júlia e Pedro experimentam as diferentes possibilidades de estar presente e estar ausente para o outro, ou seja, buscam uma interação e relação ao participarem juntos dessa ação, estabelecendo laços afetivos, como o olhar, movimentos do corpo, vocalizações (STAMBAK et al., 2011).

Após, Júlia volta e os dois trocam carinhos. Neste caso, o carinho também é importante para a brincadeira, pois Júlia e Pedro demonstram uma aceitação do corpo de um e do outro, uma vez que buscam uma companhia e amizade em realizar juntos essa ação (Ibidem, 2011).

Nesse sentido, Ferreira (2004) também afirma que o bebê quando brinca envolve a mutualidade em suas ações para que sejam bem sucedidas. Cada bebê envolvido apresentará uma performance através da resposta do outro. Dessa forma, o brincar é um sinônimo de encontros em que o bebê adquire um sentido de si, assumindo assim as atitudes do outro e suas experiências.

Acredito que o brincar proporciona ao bebê inúmeros estímulos importantes para a sua formação, como a coordenação motora, o raciocínio, a comunicação e a interação com os seus parceiros.

Quadro 3 – Diário de Campo 3

“Eternizando Momentos”

Diante dessa cena, lembrei-me dos momentos que vivenciei quando era professora de bebês. Brincávamos de esconde-esconde, pois era uma situação que encantava muito os bebês. Eles demonstravam, através de sorrisos e gargalhadas, quando a sua cabeça era tapada com um lençol e ficavam na espera quando eu falava: - “*Cucus, bé*”.

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Diante do exposto, acredito que o brincar é alegria, felicidade, prazer e diversão. Estimula a imaginação, o faz-de-conta e a criatividade, proporcionando ao bebê compreender o mundo que o cerca para assim estabelecer interações e relações afetivas com o outro. O brincar possibilita ao bebê construir a autonomia e desenvolver-se integralmente no processo da construção da sua identidade. Assim, é possível verificar que o brincar também é aprender, pois brincando os bebês crescem e se desenvolvem em todos os sentidos, ou seja, o brincar é aprender constantemente.

Aplausos!!!

E as cortinas se fecham!!!

Na cena a seguir, apresento a interação entre os bebês através dos objetos.

2.5 Cena 5 – O objeto chupeta como meio de interação entre Kiara e Sofia

Neste subcapítulo, apresento a cena 5 que revela a interação entre bebês através do objeto “chupeta”. As cortinas se abrem e inicia-se a cena entre dois bebês, Kiara, de 15 meses, e Sofia, de 8 meses. Essa cena terá um episódio que apresento a seguir, o objeto chupeta como meio de interação entre ambas.

Episódio 9 – O objeto chupeta na interação entre Kiara e Sofia

		
<i>Sofia chora e Kiara com a chupeta na mão....</i>	<i>... e coloca a chupeta na boca de Sofia...</i>	<i>... Kiara pega a chupeta com suas mãos....</i>
<i>...Kiara tenta colocar novamente a chupeta na boca de Sofia, mas a chupeta cai no bebê conforto. Kiara vai à frente de Sofia e busca a chupeta e coloca-a na boca da colega. No desfecho da cena, Kiara sai com a chupeta na mão sem êxito.</i>		
		
		
		

Fonte: “Eternizando Momentos” da pesquisadora (2014)

Em relação ao episódio acima, percebe-se que Sofia está chorando. Entendo que o seu choro pode ser manifestado como uma forma de chamar a atenção de alguém que está próximo a ela. Dessa forma, parece que Sofia chora e necessita do objeto chupeta para se acalmar do seu desconforto. A chupeta é um objeto pessoal de Sofia. Conforme Goldschmied (2006), esse objeto tem uma enorme importância e significado para o bebê, pois traz aconchego, calma e conforto.

Frente a isso, Kiara, ao observar sua colega chorar, pega a chupeta de Sofia que está no chão e busca uma forma de consolar a colega tentando amenizar o seu choro, colocando a chupeta na boca dela. Cabe ressaltar que no chão da sala estavam disponíveis outros objetos, sendo que o objeto chupeta foi o objeto que atraiu a atenção e o interesse de Kiara.

Dessa forma, acredito que sua atitude revela uma empatia, pois reconhece a dor de Sofia e busca alternativas para a solução, estabelecendo uma interação por meio do objeto chupeta. De acordo com Bussab, Pedrosa e Carvalho (2007), a empatia é um fenômeno que faz com que o bebê se coloque no lugar do outro, estabelecendo uma relação, uma socialização e uma compreensão que os bebês obtêm através dos seus sentimentos, das suas ações e das intenções que compartilham no seu mundo. Esta ideia também se aproxima de Maldonado (2003), que revela a empatia como um alicerce essencial para compreender as emoções próprias e as dos outros. Dessa forma, Kiara, com seus 15 meses de idade, adotou buscar alternativas não só de resolver o problema de colocar a chupeta na boca de Sofia, mas também de buscar uma forma de consolar e acalmar do seu choro, revelando a empatia.

Outro elemento interessante nessa interação é quando o objeto chupeta se torna o alvo da ação entre Kiara e Sofia. Amorin, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) afirmam que essa interação tem uma relação triádica entre bebê-objeto-bebê, em que a atração pelo objeto passa pelo outro. Nesse sentido, verifica-se que Kiara está com o objeto chupeta na mão e Sofia chora. Kiara tem grande atenção e interesse pelo objeto chupeta que pertence a sua colega Sofia. Conforme os autores, muitas vezes nós, profissionais, oferecemos objetos aos bebês pensando que eles vão interagir com os objetos e, na verdade, é com o outro bebê que eles interagem. Assim, o objeto chupeta é um atrativo para Kiara que provoca uma interação com Sofia.

Diante dessa interação entre bebê-objeto-bebê, ocorre uma ação conjunta entre Kiara e Sofia. Nesse sentido, o objeto chupeta oferece uma interação entre Kiara e Sofia. O que atrai Kiara é Sofia e o objeto chupeta pelo qual as duas demonstram interesse, ou seja, para Kiara o interesse é ajudar a colega que chora e Sofia chora para conseguir a chupeta na boca.

A partir desse episódio, entendo também que os objetos a serem ofertados aos bebês devem possibilitar novas descobertas e novas aprendizagens do que aqueles que costumamos a oferecer a eles. Cabe ressaltar que, durante a pesquisa, no chão da sala estavam disponíveis objetos industrializados. A maioria das escolas oferecem esses objetos, brinquedos e materiais, e será que esses objetos possibilitam interações e experimentações aos bebês? Que tipo de experiências sensoriais esses objetos oferecem? Esses objetos possuem cheiros atraentes?

Conforme Goldschmied (2006), o cérebro do bebê cresce mais rapidamente e se desenvolve com mais facilidade nesse período, isto é, responde a fluxos de informações pelos sentidos do olfato, audição, paladar, tato, visão e pelo movimento do corpo. Dessa forma, usar objetos nas interações entre bebê é uma maneira de obter uma riqueza de experiências porque seu cérebro está pronto para receber e utilizar conexões.

A chupeta é um objeto industrializado, mas é um objeto de afeição. Assim, muitas vezes ocorre em nosso cotidiano oferecer aos bebês brinquedos prontos que acabam limitando-os de criar e de recriar em suas interações com seus colegas e impossibilitando-os de estabelecer as percepções táteis, olfativas, visuais e auditivas. O mesmo autor citado acima revela o Cesto dos Tesouros como uma possibilidade de oferecer estímulos que reúne e oferece uma rica variedade de objetos cotidianos que encontramos em nossas casas. O Cesto de Tesouro é uma maneira de o bebê obter uma rica experiência já que seu cérebro está pronto para receber, fazer e realizar conexões e informações. A partir dos objetos contidos dentro do cesto, podem-se perceber coisas diferentes que eles podem oferecer aos bebês, como olhar, tocar, pegar, colocar na boca, lambear, balançar, bater no chão, deixar cair. Ao colocar um objeto na boca, os bebês descobrem coisas a respeito como tamanho, textura, formas, peso, tamanho, sons e cheiros.

O Cesto dos Tesouros oferece uma oportunidade à interação entre os bebês e eles, ao se concentrarem na manipulação dos objetos, ao mesmo tempo estão envolvidos nas trocas interativas com o outro colega (GOLDSCHMIED, 2006). Esses objetos estimulam essas trocas com o outro e o que atrai o bebê é o outro bebê e o objeto pelo qual tem interesse, como ocorreu no episódio com Kiara e Sofia descrito anteriormente.

O mesmo autor nos revela muitas sugestões de objetos para os profissionais da educação que trabalham e convivem com bebês. Os materiais naturais, como conchas, castanhas, nozes, caroço de abacate, rolhas, pinceis, colheres, molho de chaves, bolas de borracha, bolsas de couro, saco de feijões, escova de dente, tampas de lata, penas, apitos, carretel de linha, castanholas e entre outros podem oferecer uma enorme variedade perceptiva ao bebê, pois ele pode manusear através da boca, dos ouvidos, dos olhos, do nariz, da pele e dos músculos. Afirma também que os professores devem ter um cuidado especial na manutenção desses materiais, bem como lavá-los regularmente e eliminar e substituir os objetos estragados e que possam machucar os bebês. Salaria que esses objetos não são industrializados, ou seja, são de uso cotidiano e comum para os adultos. Esses objetos oferecem estímulos através do tato (textura, formato, peso), do olfato (uma variedade de cheiros), do paladar (gosto, sabores), da audição (sons como o de campainhas, batidas, amassados) e da visão (cor, forma, comprimento e brilho).

Portanto, os objetos devem e precisam ser pensados para oportunizar as interações e as ações entre os bebês, que os desafiem a compor, a transformar, a criar e recriar significados a partir deles. Assim, podemos utilizar e reutilizar tudo o que há em nossa volta, com objetos naturais, objetos feitos de madeira, de metal, objetos feitos de couro, têxtil, borracha e pele, papéis e papelões para que possamos proporcionar aos bebês um momento rico e muito significativo, oportunizando-lhes novas aprendizagens e novos conceitos a serem elaborados por eles mesmos.

Aplausos!!!

E as cortinas se fecham!!!

A seguir, apresento as conclusões do espetáculo e as minhas considerações sobre o tema abordado.

5 É O FIM?

Encerrando as cenas do espetáculo, percebi o quão foi fascinante e enriquecedor poder ter tido essa experiência, pois sempre me encantei em estar com os bebês. Aprender, vivenciar, conviver e estar com eles é o que me move a fazer, a pensar e a caminhar com mais qualidade e competência almejando novos desejos, novos significados e novas possibilidades à Educação Infantil.

Nessa caminhada, percebi o quanto eles são especiais e com potenciais para serem atores protagonistas de suas próprias histórias. No entanto, isso requer do professor uma escuta atenta em todos os sentidos, mesmo que esses protagonistas conversem sem palavras, pois é preciso captar o que querem “dizer”, escutar, ver, tocar. É necessário observar os seus jeitos e suas expressões que nos permitem aprender, sentir e interpretar as interações com os outros.

Acredito que esta pesquisa nos permite refletir sobre o fato de que o bebê, para aprender, necessita do outro, de suas interações com seus colegas, não somente da presença do professor, pois o bebê é ativo e capaz de aprender, de criar e de interagir com o outro falando de si mesmo e da maneira como ele vê o mundo a sua volta. O professor, nesse momento, pode ser um guia nas situações das aprendizagens dos bebês, possibilitando que mais interações aconteçam e se estabeleçam entre eles, para que obtenham assim a autonomia, a criatividade, a partilha, o coleguismo e a afetividade.

Assim, para isso, é necessário refletirmos sobre a maneira de como interferimos durante os momentos em que estamos junto com eles, para que juntos

possamos proporcionar momentos com novas experiências e novas transformações, isto é, novas situações, aprender de formas diferentes, ouvir o interesse do bebê, para proporcionar-lhe novos estímulos e, assim, novas aprendizagens. Observar de forma cuidadosa, escutando-os, ajuda-nos a entender o que eles sentem, aprendem e pensam. Cada bebê tem a sua maneira singular de aprender, uns são ativos, outros observadores e cada um com potencialidades diferentes.

Em todo o conjunto das cenas perpassaram o olhar, o tocar, o chorar, o balbuciar, o escutar, o gesticular, ações que emergem nas capacidades perceptivas do bebê. Conforme Bassedas (1999), o bebê quando nasce tem essas capacidades bastante elaboradas que lhe permitem obter um contato com as outras pessoas e com o mundo que o rodeia. Dessa forma, o bebê tem grandes capacidades auditivas, olfativas, visuais, táteis e gustativas que constituem um repertório muito grande que favorece a interação com o outro.

De acordo com Rossetti-Ferreira (2002), o bebê tem uma expressividade maior que qualquer outro animal, não só expressividade espacial, mas também dos gestos e das posturas que lhe favorecem muito nas interações com os outros. Na realidade, o bebê tem uma contradição, uma imaturidade mas uma competência muito grande que lhe possibilitará interagir com o outro da mesma espécie, o que vai introduzi-lo na cultura e na interpretação do mundo.

Em todas as cenas apresentadas nesse espetáculo, entendo que foi uma forma de brincar com o outro, o brincar de se olhar, o brincar de se tocar, o brincar de trocar carinho, o brincar de chorar, o brincar de balbuciar, o brincar com os gestos do corpo e o brincar de imitar. Tudo isso emerge e estabelecem-se as interações entre os bebês. Sem essas interações, o brincar não teria nenhum sentido. Assim, entendo que o brincar é algo sério, que não deve ser proporcionado para ocupar o tempo dos bebês, mas sim formas de linguagens que favoreçam a expressão, a aprendizagem e que desenvolvam as habilidades corporais, cognitivas e afetivas. Dessa forma, as crianças aprendem a conhecer-se através das experimentações com o outro através dos sentimentos de alegria, de prazer, de medo, de angústia que afloram o ato lúdico.

Dessa forma, apresento aqui algumas ideias aos professores para organizarem um ambiente favorável ao bebê, contemplando nas funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais, tornando-os autônomos nas suas aprendizagens e necessidades juntamente com seus colegas. É preciso oferecer espaços com iluminação natural, com sol, com a vista do céu, das árvores e dos passarinhos. É interessante oferecer objetos com cores, formas, sons, aromas, sabores e sensações táteis diferentes, com texturas macias e duras, ásperas e lisas, quentes e frias, que vibrem ou sejam estáveis. Deve-se levar em conta que o espaço transmite confiança e segurança a eles.

O espaço aos bebês deve ser pensado e organizado pelo educador levando em conta as diferentes partes da sala: o chão, o teto e as paredes, facilitando o acesso e as interações. Martins et al. (2002) revela muitas sugestões e dicas para os professores que trabalham com os bebês, afirmando que o chão é um espaço que oferece grandes desafios a eles, portanto é fundamental colocar várias divisórias de diversos tamanhos e com alturas que possibilitem ao bebê obter uma visão de um lado para o outro. Além disso, é preciso disponibilizar caixas de papelão, transformadas e recortadas, para os bebês entrarem e saírem, assim como brinquedos, garrafas, bolas para que interajam com o que desperta interesse. Pode-se também oferecer obstáculos para que os bebês possam passar por dentro, morros de diferentes alturas e muretas que os impeçam de seguir e os façam buscar novos caminhos e desafios para adquirirem noção espacial e corporal. Os móveis da sala devem ser de fácil manuseio dos bebês, para que os mesmos possam se locomover até alcançá-los. No teto, pode-se colocar móveis grandes, bem baixos e com elásticos para que os bebês possam explorar, tocar e puxar, para assim despertar os movimentos dos braços, dos olhos e da cabeça. Colocar as fotos dos bebês dispostas pelo chão, pelas paredes e nos móveis ajuda na formação da identidade do bebê, bem como afirmam a importância de cada um para os colegas. Pode-se também pendurar objetos sonoros e mordedores para o bebê pegar e explorar. Nas paredes ter cores claras, espelhos grandes com barra na frente para estimulá-los corporalmente a se levantarem.

Tudo isso permite-nos refletir sobre a nossa prática e sobre a importância de um espaço organizado, pensando a partir dos interesses e necessidades dos bebês,

para que o fazer pedagógico não parta somente do professor, e sim que se construa “para e com” os bebês.

É através das cem linguagens que o bebê aprende a conviver com seus parceiros e a realizar trocas. Estando juntamente com o outro, ele aprende a dividir, a partilhar, a brincar, a comunicar. Por isso, nós, professores, temos uma enorme missão de aprender a ouvir essas linguagens

que se expressam nos gestos, nos olhares, no toque, na escolha dos objetos, nas tentativas de comunicação verbal etc.; linguagem que o ouvido adulto precisa exercitar para escutá-la, considerando a história de cada uma das crianças (THIAGO, 2000, p. 61).

Entendo que para essas condições de interação ocorrerem, é necessária uma escola de Educação Infantil com uma proposta pedagógica que organize esse ambiente favorável ao bebê. Uma formação do professor que trabalhe com esses bebês para que enxerguem e olhem para eles como competentes para agir e interagir. Ainda, é preciso que os professores, acima de tudo, respeitem e favoreçam as interações nas situações e propostas pedagógicas.

O nosso papel como professor é colocar sob suspeita as verdades que definem os nossos bebês como imaturos e incapazes. É preciso que você, espectador/professor, reflita sobre os bebês como seres capazes de criar, de se expressar, de interagir com o outro e, assim, conheça o grande espetáculo que é a vida. É necessário, portanto, proporcionar aos bebês novas experiências e, assim, novos estímulos.

Com a realização deste espetáculo, penso ter contribuído para a construção de uma Pedagogia que visibiliza a valorização dos novos olhares, das novas vozes, das novas escutas das ações e das interações dos bebês. Este estudo me serviu como uma importante sustentação para abrir os meus conhecimentos e o desejo de me aprofundar a cada dia mais e ter certeza de que este espetáculo está aberto para a ampliação em outras oportunidades futuras.

Gostaria que cada professor que lesse essa monografia pensasse no bebê como alguém capaz de criar, de pensar, de expressar, de comunicar, de relacionar-se, de agir, de recriar e de estabelecer interações com o outro no mundo que os

rodeia. Acredite, transforme e desafie! Os bebês lhe agradecerão por você pensar numa educação que pense na criança...

As cortinas se fecham e em seguida ouvem-se aplausos e a
alegria paira no ar. É o fim? Com certeza não,
pois há novas possibilidades de muitas outras histórias e novos
espetáculos a serem encenados.

Quem sabe numa Pós-Graduação ou
até mesmo numa Dissertação de Mestrado...

Até breve...

REFERÊNCIAS

AIMARD, Paule; SCHILLING, Cláudia. **O surgimento da linguagem na criança**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ALDERSON, Priscilla. **As crianças como pesquisadoras**: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419-442, Maio/Ago. 2005 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

AMORIM, Katia de Souza; ANJOS, Adriana Mara dos; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Processos Interativos de Bebês em Creche**. *Psicologia: Reflexão e Crítica* (UFRGS. Impresso), v. 25, p. 1-12, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722012000200020&script=sci_arttext> Acesso em: 30 out. 2014.

ANJOS, Adriana Mara dos. et al. **Interações de bebês em creches**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), p.513-522, dez 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a14v09n3.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2014.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Lider Livro Editora, 2004.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares**: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **A prática pedagógica no berçário**. Disponível em<http://www.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/educacao/freiavi/arquivos/maria_carmem_barbosa.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Sérgio. **O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequena**. 2012. Disponível em <

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1234/318>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. In: **Revista Educação**. Santa Maria. V. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

BARRETO, Simone de Oliveira. **Ações imitativas durante a interação entre bebês em creche**: ações imitativas de bebês em creches. São Carlos. 2004. Disponível em <<http://>> Acesso em: 8 out. 2014.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BONDIOLI, Anna. A dimensão lúdica na criança de 0 a 3 anos e na creche. IN: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. 9ª ed. Porto Alegre(1998): ArtMed, 1998.

BRASELTON, T. Berry. **As primeiras relações infantis**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DPISA, 2002.

BUSSAB, Vera Silvia Raad; PEDROSA, Maria; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Encontros com o outro**: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. Psicologia USP, v. 18, n. 2, p. 99-133, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3051/305123718007.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2014.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 2. ed. Lajeado: Ed. Da Univates, 2012.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. **As relações sociais dos bebês na creche**: um estudo numa perspectiva sociológica. Goiânia, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3324_texto.pdf>. Acesso em: 2 out. 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005.

COSTA, Edna Ap. A.; GUIMARÃES Laudicéia; ROSSETTI-FERREIRA, M. Clotilde. Conversas para aprender a conversar. IN: ROSSETTI-FERREIRA M. C. (org). **Os fazeres na Educação Infantil**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez. 2002.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens das crianças**. A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Tradução por Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRA, Manuela. Do “Averso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da (s) ordem (ens) social (ais) instituinte (s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA,

Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

FILHO, Altino José Martins; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Das pesquisas com crianças ao encontro da infância contemporânea**. In: Revista Reflexão e Ação. V. 18, nº 2. 2010. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

FRANCHI E VASCONCELOS, Cleido Roberto. et al. **A Incompletude como Virtude**: Interação de Bebês na Creche. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Psicologia: Reflexão e Crítica, p. 293-301, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a09v16n2.pdf>>. Acesso em: 9 mai. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Tradução Marlon Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HORN, Maria da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHTELMIER, Margo. **O poder da observação**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KINNEY, Linda; WHARTON, Pat. **Tonando visível a aprendizagem das crianças** – Educação Infantil em Reggio Emilia. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MALDONADO, Maria Tereza. **As sementes do amor**: Educar crianças de 0 a 3 anos para a paz. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

MARTINS, Maria A. S. et al. Um lugar gostoso para o bebê. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org). **Os fazeres na Educação Infantil**. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Vera Barros de. (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Vera Barros de; SOLÉ, Maria Borja i; FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar com o outro**: caminhos de saúde e bem-estar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PICCINATO, C. A. **Análise de Ações Imitativas com Função de Comunicação entre Bebês em Creches**. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Carlos. 1999.

RAMOS, Ana Paula Fadanelli. Aquisição da linguagem oral: fases e implicações educacionais. IN: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (org). **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001 316p.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. Tradução Vania Cury. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROMAN, Eurilda Dias; DOTTO, Nadi Maria. A compreensão da linguagem infantil pelo adulto, através da análise filosófica. IN: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (org). **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001 316p.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org). **Os fazeres na Educação Infantil**. 5ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SHINYASHIKI, Roberto. **A carícia essencial: uma psicologia do afeto**. São Paulo: Gente, 1985.

SILVA, Jacqueline Silva da. **O planejamento no enfoque emergente: uma experiência no 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.

STAMBAK, Mira et al. **Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos**. Tradução do espanhol: Suely Amaral Mello; Maria Carmem Silveira Barbosa. Revisão técnica: Ana Lúcia Goulart de Faria. Campinas: Autores Associados, 2011. 196 p.

THIAGO, Lílian Pacheco S. Experiência de estágio com crianças de onze meses a um ano e três meses. In: OSTETTO, Luciana E. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de teatro**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Informado para a Professora.....	63
Apêndice B - Termo de Consentimento Informado pelo Diretor (a) da escola...64	64
Apêndice C - Termo de Consentimento Informado Responsáveis pelos bebês	65
Apêndice D - “Eternizando Momentos” - DVD das filmagens.....	66

Apêndice A - Termo de Consentimento Informado para a Professora**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____, aceito participar na investigação, intitulada de *“PREPARE-SE, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...” CENAS DE BEBÊS DE 6 A 16 MESES DE IDADE INTERAGINDO ENTRE SI*, desenvolvida pela pesquisadora Kely Giovana Barcella, através do Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS, com o objetivo de conhecer e analisar as interações estabelecidas “entre” os bebês da faixa etária de 6 a 16 meses.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa poderá fazer uso de observação da minha sala de aula, filmagens e fotografias do cotidiano escolar. As filmagens e imagens geradas terão o propósito único da pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal.

Minha participação é um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não lhe trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, devido a isso, autorizo a divulgação das informações e das filmagens realizadas, para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e formativa de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2014.

Nome do (a) Professora (a): _____

Pesquisadora Kely Giovana Barcella: _____

Apêndice B - Termo de Consentimento Informado pelo Diretor (a) da escola**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____, na condição de diretor (a) da instituição _____, autorizo a investigação intitulada de *“PREPARE-SE, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...” CENAS DE BEBÊS DE 6 A 16 MESES DE IDADE INTERAGINDO ENTRE SI*, desenvolvida pela pesquisadora Kely Giovana Barcella, através do Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS, com o objetivo de conhecer e analisar as interações estabelecidas “entre” os bebês da faixa etária de 6 a 16 meses.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa poderá se utilizar de observações, filmagens e fotografias do cotidiano escolar. As filmagens e imagens geradas serão utilizadas em propósito da pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal desta Instituição, de seus profissionais, bem como dos bebês da turma observada.

A participação dessa Instituição é um ato voluntário e a deixa ciente de que a pesquisa não lhe trará nenhum apoio financeiro, despesa ou dano.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, devido a isso, autorizo a divulgação das informações e das filmagens realizadas, para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e formativa de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2014.

Nome do (a) Diretor (a): _____

Pesquisadora Kely Giovana Barcella: _____

Apêndice C - Termo de Consentimento Informado Responsáveis pelos bebês**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____, aceito que meu/minha filho (a) participe das atividades desenvolvidas pela pesquisadora Kely Giovana Barcella, através do Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações, filmagens e fotografias do cotidiano escolar. As fotografias e as filmagens que serão geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu e ao sigilo nominal de meu/minha filho (a).

Estou ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação de meu/minha filho (a) é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou prejudica em nada o desenvolvimento do meu/minha filho (a).

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Esse trabalho pode contribuir no campo educacional, por isso, autorizo a divulgação das fotografias, filmagens e observações para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2014.

Nome do bebê: _____

Responsável legal do bebê: _____

Pesquisadora Kely Giovana Barcella: _____

Apêndice D - “Eternizando Momentos” - DVD das filmagens